

FH emplaca Ramez Tebet no Senado

Escolha do ex-ministro abre crise entre PMDB e PFL, que ameaça não referendá-lo à sucessão de Jader na presidência

Brasília- Fernando Bizerra JR.

BRASÍLIA – A cúpula governista do PMDB emplacou ontem à noite o senador Ramez Tebet (PMDB-MS) como nome do partido para suceder Jader Barbalho (PMDB-PA) na Presidência do Senado. Tebet venceu com 12 votos a eleição interna com votação secreta. Disputaram também os senadores José Fogaça (PMDB-RS), que conseguiu seis votos, e José Alencar (PMDB-MG), que teve apenas o seu voto. O senador José Sarney (PMDB-AP) não disputou a indicação e, mesmo assim, ainda teve um voto. Tebet tem de enfrentar a resistência do PFL, que vai tentar impedir que ele seja escolhido oficialmente no plenário na eleição de hoje.

Os líderes do PMDB deixaram a reunião com apelo para que o nome do partido seja ratificado. “Esperamos que o acordo seja cumprido, que os partidos respeitem isso”, pediu o líder peemedebista Renan Calheiros (AL). A dúvida sobre Tebet paira até mesmo entre os colegas. Para o senador João Alberto (PMDB-MA), braço-direito de Sarney, o partido sai rachado da disputa. “Acho que o PMDB agora mesmo é que vai quebrado, pode perder a eleição”, prevê. A ala dissidente saiu contrariada com a manobra governista para eleger o ex-ministro da In-

tegração Nacional. A exoneração de Tebet já sai publicada no Diário Oficial de hoje.

A principal resistência a Tebet parte dos pefelistas, que não admitem lançar candidato próprio no plenário, mas podem apoiar outro nome. O presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC), chegou a ameaçar romper o acordo fechado no Planalto de aceitar o nome peemedebista. “Sem condições, desaparece o compromisso”, alertou. Os pefelistas ligados ao ex-senador Antonio Carlos Magalhães não aceitam Tebet já que ele presidiu o Conselho de Ética durante o processo que levou à renúncia de ACM.

Sarney era o nome preferido dos pefelistas no PMDB e chegou a participar da reunião de ontem como candidato. No início, ele ainda ofereceu seu nome como consenso. “Estou aqui, quero ser franco, se o partido tem outro candidato, que possa trazer a paz, a conciliação, eu apóio”, avisou, pouco antes de deixar a reunião sem votar, ainda em meio à discussão. Ele e José de Alencar também denunciaram a manobra da cúpula do partido para impedir um acordo interno. Os dois contaram que o presidente do PMDB, Michel Temer (SP), insistiu com ambos para disputar a indicação



Sarney ainda se apresentou como solução de consenso, mas desistiu diante da manobra governista

da bancada. “O que vejo são influências externas”, reclamou o senador Roberto Requião (PR), que declarou seu voto a Fogaça, mas também deixou a reunião sem votar oficialmente.

O PMDB sabia que comprava uma briga com o PFL ao indicar o nome de Tebet. Os parlamentares ligados a ACM não esquecem a atuação de Tebet na presidência do Conselho de Ética, que in-

fluenciou a renúncia do pefelista. “A indicação de Tebet é incômoda ao PFL, a chance de apoiar outro candidato existe”, reconheceu o vice-presidente pefelista José Agripino Maia (RN).

O presidente Fernando Henrique, sem muita vontade, acabou cedendo aos apelos do comando do PMDB e discretamente articulou o nome do senador licenciado Ramez Tebet, que gostou da idéia

mas pediu que o ministério não fosse extinto. O presidente garantiu que a pasta continuará e permanecerá com o PMDB. Ontem, Fernando Henrique e Tebet acertaram que se o ministro obtivesse a indicação da bancada do PMDB em seguida entregaria sua carta de demissão ainda a tempo de ser publicada no DO.

O comando político do governo admite que todas as alternati-

vas do PMDB governista haviam se esgotado para a presidência do Senado e que os vetos dos partidos aos nomes do líder Renan Calheiros e de José Sarney estavam prorrogando a possibilidade de paz no Senado.

O PFL deu de ombros. Articulou o adiamento da eleição no Senado com gosto. O presidente da legenda, Jorge Bornhausen (SC), sugeriu que escolha ficasse para terça-feira da semana que vem. Alertou que poderia quebrar o acordo feito no Palácio do Planalto para aceitar o nome escolhido pelo PMDB. “Se não houver condições, desaparece o compromisso”, ameaçou.

A tática conseguiu adiar para a tarde a eleição no plenário, marcada inicialmente para as 10h, e conseguiu plantar a discórdia em todos os partidos. Seguiram o argumento pefelista os senadores Lúcio Alcântara (PSDB-CE), Jefferson Péres (PDT-AM) e Lauro Campos (PDT-DF). Do outro lado ficaram os líderes do PMDB, o líder do PSDB interino Pedro Piva (SP), e, em confortável isenção, o bloco de oposição liderado pelo senador José Eduardo Dutra (PT-SE). Até o ex-presidente do Senado Jader Barbalho (PMDB-PA) subiu na tribuna para manter a eleição para hoje.